

**mc** Melhores Contos

**Lima**

**Barreto**

Seleção de

Francisco de Assis Barbosa

**global**  
EDITORA

2010

Na História da literatura ocidental, Otto Maria Carpeaux estabelece uma certa analogia entre os romances e contos de Lima Barreto com os dos escritores norte-americanos do primeiro decênio do século XX, que se insurgiram contra o tradicionalismo e iniciaram uma literatura de protesto. Chamou-se a isto na época a remoção do lixo. Muckraker foi a palavra cunhada pelo presidente Theodore Roosevelt para designar os que se propunham remexer o esterco da sociedade puritana e convencional, em plena expansão do capitalismo, para a luta contra a corrupção, em que se empenhavam políticos e panfletários. Guardadas as diferenças e proporções, rebeldes como Upton Sinclair e Jack London, que se opunham à genteel tradition, segundo Carpeaux, corresponderiam bem ou mal ao que pretendeu o nosso Lima Barreto na Velhíssima República, no combate àqueles que consideravam no Brasil a literatura como o "sorriso da sociedade" e ocupavam de modo absoluto e incontestável o mandarinato intelectual.

O paralelo não deixa de ser interessante, mesmo porque outros pontos de contato podem ser lembrados para melhor aproximá-los. Eram todos socialistas de temperamento anarquista e neles predominava o espírito de participação política e da denúncia social, bem mais forte do que o simples desejo de praticar a literatura pela literatura, como se fosse simples obra de arte. De qualquer modo, admitindo o parentesco, eram bem maiores as diferenças dos grandes centros supercapitalistas dos Estados Unidos e o crescimento ainda modesto do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mas a observação do mestre Carpeaux não se perde no vazio, sobretudo no juízo de valores quanto à qualidade dos escritores. E isso é o que nos interessa. A verdade é que Upton Sinclair e Jack London,

ou qualquer outro da geração dos muckrakers, completa Carpeaux, nada têm do humorismo corrosivo do mulato brasileiro; não criaram, em toda a sua vasta atividade, nenhuma obra tão espirituosa e tão humana como Triste fim de Policarpo Quaresma. Chicago e Nova Iorque não são comparáveis ao Rio de Janeiro semicolonial de 1910, ao qual Lima Barreto erigiu em Vida e morte de Gonzaga de Sá um monumento. Enfim, o romancista brasileiro deve parte das suas qualidades àquilo que foi a desgraça da sua vida: a boêmia. Lima Barreto é precursor do Modernismo brasileiro que se revelará em 1922, ano da morte do romancista.

Malgrado sua formação francesa e a leitura dos russos como Gorki, Tolstoi, Tchecov, Turgueniev, Dostoievski, pelas afinidades diante da vida, a literatura militante de Lima Barreto estaria mais próxima dos escritores malditos de Greenwich Village, que documentavam as mazelas dos slums de New York, a doença, o crime e o vício que se concentravam nas imundas casas de cômodos dos bairros miseráveis, a perseguição dos locatários pela cobiça dos senhorios e pela brutalidade da repressão policial. Há sem dúvida um parentesco indistigável dos muckrakers com o escritor brasileiro, como assinalou Carpeaux. É claro que Lima Barreto foi bem mais panfletário nos artigos de jornal da fase final da sua curta existência de escritor público que nos contos e novelas.

A obra de Lima Barreto não se limita, porém aos seus romances e contos. No romance, deixou pelo menos três marcos definitivos: Recordações do escrivão Isaías Caminha, Triste fim de Policarpo Quaresma e Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Dentre os contos, que são numerosos, e a maioria da melhor qualidade literária, como "A nova califórnia" e "O homem que sabia javanês", a seleção seria difícil. Não é possível esquecer, por exemplo, "Sua excelência", da preferência de Graciliano Ramos. O "Diário íntimo" e "Cemitério dos vivos", ambos de publicação póstuma, são do maior interesse humano, e em muitas passagens a mesma altitude dos melhores momentos do escritor. Há ainda a vasta messe de artigos publicados na imprensa, na grande imprensa e na pequena imprensa, especialmente a dos jornais libertários e quase clandestinos, reunidos nos volumes Bagatelas, Vida urbana, Marginalia, Feiras e mafuás e Impressões de leitura. Os bruzundangas e Coisas do reino de Jambon formam um terceiro grupo:

a sátira social propriamente dita, ainda que a ficção em Lima Barreto reflita quase sempre a sua permanente inclinação para a denúncia contra as injustiças e as mazelas do sistema político e da organização da sociedade, seja com disfarçada ironia, seja com ostensivo escárnio, não raro o panfletário interferindo e às vezes até prejudicando o romancista.

De qualquer modo, romances e artigos de jornal constituem um vasto painel, que se desdobra em sucessivos quadros da nossa Primeira República. É amplo o espectro da obra do ficcionista e do jornalista, na verdade um impressionante documento das mudanças sociais e políticas da transição da sociedade escravista, no entanto bem mais liberal, sob certos aspectos, para um sistema de falsa democracia, no qual desponha uma oligarquia de caráter bem mais aristocrático e intolerante que a do parlamentarismo imperial. Pode parecer um paradoxo, mas não é. A essa curiosa forma de governo de fazendeiros de café, capitalistas, arrivistas e bacharéis, muitos dos quais eram advogados dos interesses daqueles grupos privilegiados, Lima Barreto chamou de plutocracia, talvez com certo exagero, mas sem falsear a verdade. O observador via longe até demais na sua crítica áspere e contundente aos políticos e aos donos da vida, de um modo geral, à mania de ostentação, ao vazio intelectual, à corrupção e à incompetência, própria da "democracia relativa" da República Velha. A expressão é do amigo presidente Geisel. Que se dirá do que veio depois?

Mas fiquemos em Lima Barreto, que viu e registrou todo o avesso do regime, o fundo podre, com olhos que nada tinham de falsamente brasileiros, como os da maioria dos escritores seus contemporâneos. E o fez sempre com sinceridade e com coragem. Retratou certos políticos e certos literatos como o eram de fato: caricaturas de líderes e caricaturas de escritores. Através desses personagens-símbolos, ressurge sem retoques e sem distorções toda a mentalidade de uma época, com as suas fraquezas e alienações, que predominou no Brasil nos primeiros quarenta anos de nossa vida republicana.

Essa mentalidade reponia principalmente no romance Numa e a ninfa e no volume Os bruzundangas, uma série de caricaturas sobre um país inexistente, mas que muito se assemelhava ao Brasil do seu tempo. Bruzundanga é palavra derivada de burundanga, o

mesmo que morondanga em espanhol. Significa palavreado confuso, algaravia, mixórdia, cozinhado mal feito, sujo ou repugnante, trapalhada. Na aceção lima-barretiana, a República dos Bruzundangas seria, por conseguinte, o país das trapalhadas, ou o "país das encrenças". Leitor de Swift, freqüentemente invocado nessas caricaturas, concebera a estranha república, cuja constituição fora copiada da de Brodingnag, o país dos gigantes (clara alusão aos Estados Unidos), embora considerasse por igual as constituições de Houyhnm e Liliput. A nação bruzundanguense dividia-se em numerosas províncias ou estados: dos Bois (Minas Gerais), dos Rios (Rio de Janeiro), da Cana (Pernambuco), do Kaphet (São Paulo), na época o grande centro produtor do café, razão pela qual é chamada "a mais rica e adiantada de todas".

Pequenas crônicas, sem maior polimento mas eszuziantes de zombaria e sarcasmo, constituem não só a matéria de Os bruzundangas, como de Coisas do reino de Jambon. É sempre o Brasil, ou melhor, a República Velha, a República Velhíssima, o tema da caricatura. "O reino de Jambon — explica o cronista-historiador — é assim chamado porque afeta, mais ou menos, a forma de um presunto. Até aqui, não tem sido comido. Mas não há meio, quer Roem-no os de fora. Roem-no os de dentro. Mas não há meio, quer uns, quer outros, de o deglutirem completamente. O diabo da perna de porco resistir à voracidade externa e interna de uma maneira perfeitamente milagrosa." A classe política e o povo, tanto nas Bruzundangas, como no reino de Jambon, encontram-se em pólos opostos: "Não há homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado. Não há lá político influente que não se julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Tesouro da República. No entanto, a terra vive na pobreza; os latifúndios, abandonados e indivisos; a população rural vive sugada, esfomeada, maltrapilha, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes, doutores disso e daquilo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, agora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres".

No tempo de Lima Barreto, a capital ficava no Rio de Janeiro que era chamado Distrito Federal (o escritor detestava que cha-

0.33  
massem o Rio de Janeiro, a sua cidade, com esse nome). Hoje, a capital está no Planalto Central. Chama-se Brasília e é também chamada Distrito Federal. Mas, como vimos, tudo continua no mesmo. Até quando teremos inflexível e imutável a República das Bruzundangas?

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

Lima  
Barreto  
Seleção de  
Francisco de Assis Barbosa